

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Educação Inclusiva Reflexões



Organizadoras
Maria Célia da Silva Gonçalves
Bruna Guzman de Jesus



Editora Poisson

Volume 04
Ano 2020

Maria Célia da Silva Gonçalves

Bruna Guzman de Jesus

(Organizadoras)

Educação Contemporânea - Volume 04

Educação Inclusiva, Reflexões

1ª Edição

Belo Horizonte

Poisson

2020

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
Ms. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
Msc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24

Educação Contemporânea - Volume 04 -
Educação Inclusiva, Reflexões Organização:
GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS,
Bruna Guzman Belo Horizonte-MG: Poisson,
2020

Formato: PDF

ISBN: 978-65-86127-86-7

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

1. Educação 2. Educação Inclusiva
I. GONÇALVES, Maria Célia da Silva II. JESUS,
Bruna Guzman. III. Título

CDD-370

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores

www.poisson.com.br

[contato@poisson.com.br](mailto: contato@poisson.com.br)

SUMÁRIO

Capítulo 1: O uso da tecnologia e a língua brasileira de sinais..... 07

Camilla Casotti Poisk, Letícia Vaz Ferreira, Rafaela Cerena da Silva, Ione Maria Piazza Hilgert, Luciano Mezzaroba

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.01

Capítulo 2: Atividades multimídia para o ensino de libras como segunda língua:
Construindo uma ecologia visual e tecnológica..... 13

Enos Figueiredo de Freitas

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.02

Capítulo 3: A língua brasileira de sinais como potencializadora de conteúdos
interdisciplinares na Educação Básica 23

Larissa Christine Pinheiro Nunes, Aline da Silva Filgueiras, Criste Arly Castro Pinheiro Serra

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.03

Capítulo 4: O atendimento educacional especializado e o processo alfabetizador de
crianças inclusas em sala regular 29

Caroline Elizabel Blaszko, Nájela Tavares Ujiie

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.04

Capítulo 5: Atendimento educacional especializado: Uma abordagem voltada aos
Direitos Humanos no CMAEE de São Gonçalo do Amarante - RN..... 38

Antônia Márcia Ramos, Alessandro Aires Alexandre, Maria Rosilandy Feitosa, Maria Tereza de Oliveira

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.05

Capítulo 6: Educação em Direitos Humanos: Jaboatão dos Guararapes pela cultura de
paz nas escolas..... 48

Pedro Portela Silva, Igor Fontes Cadena, Ivaneide de Farias Dantas

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.06

Capítulo 7: As causas da evasão escolar de crianças e adolescentes da Educação Básica e
sua relação com a violação de Direitos Humanos..... 52

Talita Costa de Oliveira Almeida, Rita de Cássia da Silva Oliveira

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.07

SUMÁRIO

Capítulo 8: Vamos tomar um chá? A Matemática na educação de jovens e adultos ... 64

Ana Paula de Abreu Moura, Marisa Beatriz Bezerra Leal, Angélica Moraes Mattozinho

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.08

Capítulo 9: Projeto educativo desenvolvido em um espaço não formal de educação e sua contribuição para a transformação social da criança vulnerável 71

Ketlin Cristine Ribeiro Barbosa, Rilary Gelceane Rodrigues Bueno

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.09

Capítulo 10: Programa Bolsa Família e a educação no Brasil..... 78

Maria Marinês da Costa Silva, Márcio Jocerlan de Souza

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.10

Capítulo 11: Os planos municipais de educação de Belém e Ananindeua: Dos limites persistentes aos avanços imprescindíveis..... 86

Suellem Pantoja, Alberto Damasceno, Viviane Dourado, Monika Reschke

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.11

Capítulo 12: Família, escola e aprendizagem..... 94

Oracina Machado da Silva, Maria Cristina de Souza Lopes de Lima, Viviane Roberta Lopes do Nascimento, Joelma Farias Guerreiro, Eliomara Cruz

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.12

Capítulo 13: Enleitramento, um conceito que bem poderia ser Freireano 100

Rosemary Lapa de Oliveira, Risonete Lima de Almeida, Terezinha Oliveira Santos

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.13

Capítulo 14: Metamorfose da Ciência: Caminhar para a autopoiese 106

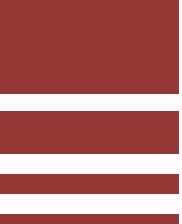
Aracéli Girardi, Roque Strieder

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.14

Capítulo 15: Ética, uma reflexão sobre o papel do pesquisador diante do seu objeto 116

Antonia Nilene Portela de Sousa, Madalena Klein

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.15



SUMÁRIO

Capítulo 16: Perspectivas da pesquisa docente: Reflexões sobre a mudança de postura de professores engajados em novas práticas pedagógicas..... 121

Eleneide Menezes Alves, Romildo de Albuquerque Nogueira

DOI: 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.16

Autores:..... 129

Capítulo 1

O uso da tecnologia e a língua brasileira de sinais

Camilla Casotti Poisk

Leticia Vaz Ferreira

Rafaela Cerena da Silva

Ione Maria Piazza Hilgert

Luciano Mezzaroba

Resumo: A conquista dos direitos pelas pessoas surdas em relação a inclusão digital nas últimas décadas é notável e possui grande importância no processo de construção de uma sociedade justa e inclusiva. Deve-se considerar, entretanto, que os obstáculos sociais ainda estão presentes no dia-a-dia dos surdos, ultrapassando as dificuldades oriundas unicamente do aparato biológico. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a comunidade não surda possui pouco interesse na aprendizagem da Libras, língua brasileira de sinais, a qual é fundamental para a comunicação entre os sujeitos surdos e ouvintes. Tendo em vista esse cenário, de como os avanços tecnológicos, e o desenvolvimento de aplicativos e aparelhos, estão auxiliando na comunicação entre surdos e ouvintes, o presente artigo problematiza o tema da inclusão das tecnologias em relação aos tensionamentos que produzem estratégias adotadas por surdos e que revelam o potencial da informação e do processo de comunicação para o desenvolvimento da autonomia.

Palavras-Chave: Libras, tecnologia, surdos.

Capítulo 15

Ética, uma reflexão sobre o papel do pesquisador diante do seu objeto

Antonia Nilene Portela de Sousa

Madalena Klein

Resumo: Este estudo tem como objetivo principal fazer algumas reflexões inerentes à ética na atuação do pesquisador e sua aproximação com o seu objeto de pesquisa. Partindo de uma inquietação do pesquisador ao se deparar com possíveis incômodos e os percalços gerados devido à aproximação com o objeto de estudo, no caso em tela, a mãe de uma das autoras. Eis a razão da ética ser levada em consideração no papel do pesquisador diante de seu objeto. Nesse contexto, as questões relacionadas à ética e o papel do pesquisador se fundamentaram em autores como Dupas (2001), Baungart (2013), Mainardes (2017), dentre outros.

Palavras-chave: Ética. Pesquisa qualitativa. Distanciamento do objeto.

1. INTRODUÇÃO

O quadro que se apresenta no Brasil, a respeito da aplicabilidade da ética em algumas áreas no campo das Ciências Humanas e Sociais (CHS), pisa em terreno movediço no enfrentar desafios nada cômodos; na área da educação a coisa não é diferente. Fato é que se tem no país, segundo Mainardes (2017, p.161): “regulamentação única da ética em pesquisa com seres humanos para as duas grandes áreas (biomédica e CHS). Esse fato traz inúmeras dificuldades para a pesquisa em CHS, apesar das constantes críticas de pesquisadores e associações científicas dessa área.” Dificuldades estas, que respingam na pesquisa em educação, também.

Diante destas angústias, se teve como objetivo tecer algumas reflexões inerentes à ética na atuação do pesquisador especificamente ao se deparar com possíveis incômodos/percalços por conta de sua aproximação com o objeto de sua pesquisa. Contudo, compreender ética no campo da pesquisa, quando se deparar com adversidades a serem vencidas pelo pesquisador nessa área; e de conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016²³, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (CHS).

Este trabalho faz um breve comentário sobre ética na pesquisa e em seguida tenta-se identificar possíveis desafios a serem enfrentados por pesquisadores com uma proximidade com seu objeto de pesquisa. E assim poder identificar e respeitar limites e impasses no decorrer da pesquisa e seguir protocolo da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP -; haja vista envolver atores/gente mesmo em campo que não diz respeito ao espaço da saúde.

2. ÉTICA EM ESTUDOS QUALITATIVOS ENVOLVENDO HISTÓRIA DE VIDA: UMA BREVE REFLEXÃO

Refletir a respeito da ética, sobretudo, em estudos de cunho qualitativo exige senso de responsabilidade com o saber elaborado, não só com as questões conceituais, mas principalmente com as bases legais que sustentam sua prática. Nesse sentido vale considerar os estudos de Baungart (2013, p.) quando cita que:

A associação entre ética e pesquisas qualitativas abre um leque de abordagens possíveis, correspondentes à riqueza e à diversidade de métodos que dão corpo às suas práticas. Embora não se possa afirmar que todas as propostas compartilhem uma única visão do que seja a ética em pesquisa, a eleição de um ponto de partida capaz de interrogá-las é necessária, dada a natureza ampla do tema aqui sugerido. Parte-se, pois, do caráter intrínseco e constitutivo da ética na metodologia qualitativa quando praticadas a partir de relações de colaboração e interlocução entre pesquisadores e pesquisados (GUERRIERO, SHMIDT & ZICKER, 2008).

A partir dessa afirmação, entende-se que ética é sempre relacional, pois não existe individualmente; mas também não existe uma ética universal – o que pode ser aceitável é uma ética mais humana e mais saudável enquanto conjunto de valores para a convivência entre pares; pois questões de ética vai se apresentar de acordo com o contexto e com o momento. Na verdade essa postura está dentro dos sujeitos, no entanto pode ser negociável.

Quando se fala de ética, há de se admitir que é um termo que perpassa por diferentes campos, algo complexo que atinge as mais variadas áreas relacionadas ao comportamento humano, seja na saúde, na política, na religião, no trabalho, na educação, dentre outras. Contudo, ética pode ser, e é utilizada tanto no campo científico como nos mais variados contexto da sociedade, pois:

Pensar as relações entre filosofia, ética e pesquisa no campo da educação permanece um desafio para a sociedade contemporânea, marcada singularmente pela pluralidade e pela complexidade. Se for inquestionável a variabilidade dos pontos de vista sobre praticamente qualquer tema ou questão, em especial no campo teórico e conceitual, não parece fora de dúvida que a racionalidade ocupa um papel preponderante quando se trata de coordenar as diferentes perspectivas de interpretação e de julgar sua validade e legitimidade. (BOMBASSARO, 2017, p. 29)

²³ As resoluções são apresentadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), uma instância colegiada e deliberativa que faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS) e integra a estrutura organizacional do Ministério da Saúde que tem como função, fiscalizar, acompanhar e monitorar as políticas públicas de saúde nas suas mais diferentes áreas.

Todavia, ao refletir essa temática no campo da pesquisa, vêm à tona definições tais como: “ciências do *ethos*²⁴”, costumes de uma determinada sociedade, comportamento humano, conjunto de hábitos e outros. Nesta pluralidade de conceitos, filosoficamente falando ética é, sem sombra de dúvida, considerada um conjunto de valores para a conduta do sujeito, enquanto que a moral é a prática da conduta desse sujeito; daí o entendimento de ética não existe de modo individual; mas existe moral individual – e assim a decisão é subjetiva.

Dito isso, é de suma importância contextualizar o termo ética, tendo em vista que, ao longo da história da filosofia penetrou em diversas áreas, possibilitando diferentes significados. Com isso, faz-se necessário compreender melhor não somente seus vários significados, mas também os valores jorrados por ela, na conduta do ser humano que pode se manifestar nas vivências de um povo, de um grupo e/ou de um indivíduo a partir de seu referencial, que se constrói diante do seu estilo de vida, dos seus hábitos e costumes a partir das experiências na sociedade da qual esteja inserido. Vale salientar que:

[...] parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especificamente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social. (HOUAISS, VILLAR & FRANCO, 2001, p. 445)

Observa-se que a qualidade da conduta de qualquer sujeito perpassa por reflexos dessa ciência que se relaciona tanto com a conduta, com a moral e a qualidade desta conduta. Quando se direciona o olhar numa perspectiva de bem e/ou de mal leva-se em consideração as vivências que o sujeito passou ao longo dos anos. Entretanto, há de se entender que ética não é lei, mesmo sabendo que as leis, em via de regra contemplam na sua base princípios éticos, porém não podemos confundir ética com leis, mesmo estando tão próximas. É nessa perspectiva que Oliveira (2002, p.18) revela que:

[...] as sentenças avaliativas têm prioridade sobre as normativas, uma vez que proibições, prescrições e permissões se decidem a partir da existência de uma ordem objetiva de valores, que se fundamenta no fundamento absoluto. Nesse sentido, são os conceitos teológicos (que dizem respeito aos bens) que fundamentam os deontológicos (que dizem respeito aos deveres). (OLIVEIRA, 2002, p.18)

Para Cenci (2002, p.90) a ética “nasce amparada no ideal grego da justa medida, do equilíbrio das ações. [...] a justa medida é a busca do agenciamento do agir humano de tal forma que o mesmo seja bom para todos.” No entanto o que se presencia, frequentemente, é exatamente o desequilíbrio das ações humanas por conta das injustiças sociais expressadas na lei da mais valia. Para Boff (2003, p. 27) “Tal fato se agrava ainda mais por causa da própria lógica dominante da economia e do mercado, que se rege pela competição, que cria oposições e exclusões, e não pela cooperação que harmoniza e inclui”. Na sociedade contemporânea algumas questões são invisibilizadas pelo desejo maior do lucro, domínio e poder.

Contudo, a ética, enquanto modo de agir, se apresenta diferentemente da moral exatamente por estar relacionada às regras, as normas e aos costumes de cada cultura – cultura enquanto envoltório de determinada sociedade, determinado grupo. Além de considerar o movimento desse envoltório que no dizer de Ashley revela que (2003, p.60) “da mesma forma que as sociedades transformam-se ao longo do tempo, os valores culturais de que os indivíduos se servem para organizar sua realidade e suas ações também tendem a sofrer modificações”. Nesse caso, se alinha as modificações que a sociedade exige num determinado tempo em determinada sociedade.

É a partir da possibilidade de poder conhecer as estruturas racionais que marcaram todas as coisas, isto é, suas essências, que se pode conhecer a hierarquia de bens e valores. Esta hierarquia tem primazia na ética, pois só assim é possível solucionar os casos de conflito, os dilemas éticos muito comuns em nossas vidas. (OLIVEIRA, 2002, p.18)

O que se questiona aqui é onde essa ética habita, de que forma ela se manifesta, como encontrar suas respostas e de que lado nos posicionou. O fato é que nesta contemporaneidade, têm-se assistidos momentos escandalosos de dilemas morais, de corrupção, ações de imprudência, atos de negligência, o que leva a repensar as práticas dos sujeitos nas atividades em sociedade.

²⁴ Compreende-se como um conjunto de hábitos e costumes que revelam valores e crenças de determinadas culturas (deve ser levado em consideração o período, o espaço geográfico, a região, etc.).

E isso se estende nas diferentes esferas, que perpassa pelas ações do cotidiano e chega até nas atividades dos pesquisadores, pois, como apregoa Bombassaro, (2017, p.29) “o processo de constituição, de crítica e de desenvolvimento do conhecimento, sempre vinculado aos contextos e situações históricas concretas, tem sua dinâmica marcada pelos interesses e pelos anseios dos mais variados atores”, e o que se percebe é que os sujeitos “nem sempre dispostos – porque às vezes nem mesmo intelectual e eticamente educados – a compreender as posições de quem não compartilha os mesmos pontos de vista, as mesmas crenças, os mesmos conceitos e os mesmos valores”.

3. REFLEXÕES, ÉTICA E O DISTANCIAMENTO DO OBJETO

As questões que circulam a ética no âmbito profissional trazem questionamentos e inquietações cada vez mais latentes no papel dos pesquisadores; isso acontece em um espaço complexo e plural de tendência e tensões em estudos nem sempre fáceis, mediante a multiplicidade de tendências e tensões que transcorrem paralelas aos diferentes pensamentos. Esta pesquisa teve como norte as angustia decorrente das análises feitas por uma das pesquisadoras diante das entrevistas coletadas relacionadas a sua mãe, atual objeto de pesquisa. Como proceder diante de tal aproximação, como reagir aos relatos tendo um olhar de fora?

Mesmo estando tão ligada ao seu objeto de estudo, se apoderar de princípios éticos na pesquisa é praticá-lo com responsabilidade, sabendo que o pesquisador deve se afastar do seu objeto de forma a não querer interferir e nem mudar o pensamento dos sujeitos investigados. Construindo posturas éticas inerentes a quem se apresenta como pesquisador, mesmo tendo uma aproximação significativa com seu objeto de estudo. Então, para que o pesquisador chegue aos seus objetivos deverá manter posturas em sua atuação no campo da pesquisa, principalmente, no momento de preservar a fala dos sujeitos investigados.

No nosso caso, especificamente, faz-se oportuno levar em consideração o papel do pesquisador diante do meu objeto de pesquisa, haja vista este objeto ser a história de vida de Ofélia – mãe de uma das pesquisadoras - onde objeto e mãe se apresentam ao mesmo tempo no seu trabalho de doutorado em educação. Tal escolha se deu por ser esta, uma mulher que se mostrou importante na região da Ibiapaba a partir da educação (formal, informal e não formal), mais precisamente em Tianguá – cidadela localizada a 314km de Fortaleza entre Ceará e Piauí – em plena ditadura civil militar, onde enfrentou com diplomacia as oligarquias da época – anos 60.

Assim, sendo pertinente se questionar os incômodos e os percalços que, muito das vezes, causam este tipo de pesquisa – pesquisa qualitativa em ciências humanas - considerando a ética dessas escolhas. E nesse jogo de vicissitudes, a serenidade pode ser na verdade uma atitude sábia no sentido de aderir a uma epoché, isto é conduzir o andar da carruagem de forma mais filosófica.

A reflexão nesse estudo possibilitou um olhar de imparcialidade nesta pesquisadora, que embora surpresa com alguns relatos, abriu um espaço de fala livre e isento de censura para identificar o que se construiu no imaginário social e coletivo sobre o seu objeto estudado²⁵. Mudanças significativas devem acontecer a partir do próprio pesquisador, a ética não é flexível, não muda, as pessoas que se adaptam; só existe mudança significativa quando esta acontece em ações comportamentais no centro da sociedade. No pensar de Aristóteles, lembrado por Cléder (2017), “a ética é uma ciência responsável por determinar o que é uma boa conduta humana. [...] É tudo que cumpre sua missão.”

Partindo do princípio de que toda ação humana deve ser caracterizada por uma postura ética, na pesquisa não é diferente, pois é um espaço que envolve pesquisadores e participantes num jogo onde suas ações muitas vezes não são evidentes para algumas das partes, sendo importante o envolver de princípios éticos e morais para não gerar danos a nenhuma das partes. Todavia, “devido à imprevisibilidade das consequências de uma investigação, é imperativo que a ética esteja sempre presente ao elaborarmos um projeto de pesquisa, principalmente, quando esta lida com seres humanos”. (DUPAS, 2001, p. 75)

A esse respeito, pertinente se faz notar a resolução do CNS 466 de 12 de dezembro de 2012, quando considera que: “as questões de ordem ética suscitadas pelo progresso e pelo avanço da ciência e da tecnologia, enraizados em todas as áreas do conhecimento humano;” pesquisa na área da educação segue a mesma orientação? Já que, resolve: aprovar diretrizes e normas que vão regulamentar pesquisas que envolvem seres humanos. Nas disposições preliminares desta mesma resolução, “[...] visa a assegurar os

²⁵ Ofélia – professora-gestora que impulsionou a criação de uma escola pública estadual num momento de ditadura civil-militar em Tianguá-Ceará.

direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado."

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que as controvérsias que envolvem o campo da ética na pesquisa passam por diferentes desafios em que os pesquisadores para obterem resultados livres de qualquer interferência, travam batalhas éticas e morais no momento em que a aproximação do pesquisador com seu objeto podem alterar os resultados, e nesse momento a seriedade da conduta exerce um papel importante na pesquisa.

Sabe-se que, para pesquisar sobre algo, o pesquisador tem certa admiração pelo seu objeto e esse olhar pode ser tendencioso. Ao adentrar no universo da pesquisa, o sujeito deve se munir de princípios éticos para poder atuar com responsabilidade e credibilidade. Entretanto, a aproximação pode significar intimidade, livre acesso, são questões que muitos casos se fazem necessárias, principalmente nas pesquisas etnográficas.

Nesse contexto, durante o processo de investigação que envolve uma aproximação significativa entre pesquisador e objeto de pesquisa, deve-se evitar um viés como apoio nos procedimentos metodológicos. Adotar esta postura poderá facilitar a interpretação das falas dos atores que responderem sobre os assuntos relacionados ao objeto estudado.

REFERENCIAS

- [1] ASHLEY, P.; Queiroz, A.; Cardoso, A.; Souza, A.; Teodósio, A.; Borinelle, B.; Ventura, E; CHAVES, J.; Veloso, L.; Aligieri, L.; Lima, P.; Ferreira, R. Ética e Responsabilidade Social nos Negócios. Rio de Janeiro: Saraiva, 2003.
- [2] BAUNGART, Thais de Assis Antunes. Reflexões sobre a atuação ética do pesquisador em estudos qualitativos: um exemplo envolvendo o tema da religiosidade. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 19, n. 1, p. 33-37, jul. 2013 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8672013000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2019.
- [3] BOFF, L. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003. BOMPASSARO, Luiz Carlos. Filosofia, ação e verdade na pesquisa em educação. SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos & KARNOOPP, Lodenir Becker (org). Ética e perspectiva em educação, questões e proposições às ciências humanas e sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2017
- [4] CENCI, A. V. *O que é ética?* Elementos em torno de uma ética geral. 3. ed. Passo Fundo, 2002.
- [5] DUPAS, G. Ética e poder na sociedade da informação. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2^a ed. rev. e amp. São Paulo: Editora UNESPE, 2001.
- [6] CLÉDER, Edvan. Filosofia – A Filosofia de Aristóteles. 2017.Acesso em 13/08/2019 às 15h:00. <https://www.youtube.com/watch?v=SXfHE2p7qeY>
- [7] GUERRIERO, I. C. Z, SHMIDT, M. L. S., & ZICKER, F. (2008) (Orgs). Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde. São Paulo: Editora Hucitec. HOUAISS, VILLAR & FRANCO. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 2001, p. 445.
- [8] MAINARDES, Jefferson. A ética na pesquisa em educação: panorama e desafios pós- resolução CNS nº 510/2016. Educação revista quadrimestral. Porto Alegre, v.40, n2, p. 160 – 173, maio-ago. 2017.
- [9] OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. Desconstrução de paradigmas. Páginas de: 9 a 20. (Cf. aotor, Etica e economia, São Paulo, 1995, pg.67 e ss. In REVISTA EDUCAÇÃO AEC. Um Paradigma para a Escola do Século XXI!... – V.31, Nº 122, JAN./MAR.2002. –Brasília: AEC 2002.